

Inauguradas as exportações de soja pelo corredor



Gerardus Zayen, diretor da Codesa



Prata, da Agricultura de Minas

No "milagre econômico", a origem do corredor no ES

O Corredor de Exportação Goiás/Minas/Espírito Santo nasceu incorporado ao II Plano Nacional de Desenvolvimento (72/74), com o objetivo básico de "manutenção dos altos índices de crescimento econômico alcançados pelo país". Dessa forma, o projeto criado em pleno "milagre econômico", buscava atender o crescimento contínuo do setor externo da economia brasileira que, por seu turno, visava aumentar a capacidade de importar e de manter o equilíbrio externo do país, a fim de que seja possível adquirir bens de produção, tecnologia e matérias-primas não disponíveis internamente e que a nação necessita para prosseguir em seu desenvolvimento econômico e crescente bem-estar social".

Esses objetivos determinados no Programa Corredores de Exportação (documento preliminar, elaborado pelo Banco Central do Brasil em agosto de 1972, sob a coordenação do então diretor de crédito agrícola do Bacen, hoje presidente do Inbra, Paulo Yokota, mostram exatamente o clima com que o projeto foi planejado. E em função disso muitos aspectos do projeto foram alterados, após encetar fatores determinantes na transfiguração da situação nacional, ocorridos no período.

Em primeiro lugar, dois anos após a concepção do projeto, a crise do petróleo, que elevou um barril de US\$ 3,00 para US\$ 18,00, iniciou um processo de drástica alteração, acelerado pela segunda crise do petróleo e pela pura razão do Projeto Corredores de Exportação, de maturação a longo prazo, ser viabilizado com recursos externos de amortização a curto prazo.

O Programa Corredores de Exportação (Espírito Santo, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul) tinha sua especificidade na complexa relação de cada um dos quatro projetos. Enquanto três deles contavam com uma área já tradicionalmente conhecida na produção de grãos, o corredor do Espírito Santo dependeria de uma série de experimentações agrícolas e quebra do tradicionalismo das culturas do Sul do país, para se implantar em forma de colonização nos Cerrados (pouco menos que 1/4 do território brasileiro), distribuídos em Goiás, Minas, Mato Grosso e Bahia.

E aí foi despejada uma enormidade fantástica de recursos externos, em especial japoneses, para os estudos que levassem a uma maturação nas experimentações dos tipos adequados de grãos para a região, de terra pobre, porém mantenedora de bons resultados quando bem adubadas, definindo-se o tipo de semente que oferecesse maior qualidade e produtividade.

Mais recursos ainda foram utilizados na construção do chamado Complexo Portuário de Capuaba, que, a partir de 1974, teve suas obras iniciadas e onde até hoje está faltando a conclusão de alguns acabamentos, para atender à

especificação de um terminal marítimo, que atendesse ao megalômano projeto de produção de grãos que seriam gerados nos Cerrados.

E no resultado de todos esses fatores, não só a resposta aos objetivos do programa dos corredores de exportação foi retardada como a economia brasileira, aí por outros mais fatores, guinou para o reverso e se insurgiu como insolvente. Isso colocou o projeto, de novo, na ordem do dia, em especial pela sua potencialidade de produzir receita cambial e, com isso, cobrir parte do enorme buraco provocado pela dívida externa, produzida por projetos, que se repita, de maturação a longo prazo.

E está exatamente aí a importância renascida do programa, a razão das alterações surgidas ao longo dos anos de forma a aprimorar o projeto piloto, hoje basicamente alterado com as potencialidades de absorção do mercado consumidor do Extremo Oriente, a fretes 30% mais baratos que os atuais, se os grãos forem transportados em cargas combinadas com o minério de ferro.

Esta nova faceta, elaborada a partir das elocubrações funcionais do presidente da Cia. Vale do Rio Doce, Eliezer Batista, busca elevar as funções do Porto de Praia Mole, em construção numa área anexa ao terminal de Tubarão. Esse terminal, de custo não divulgado, mas um dos, senão o mais caro porto brasileiro — só a Portobrás, responsável pelas obras de molhe de abrigo e acesso rodoviário, já gastou cerca de Cr\$ 30 bilhões — tinha a função específica de receber carvão metalúrgico para as siderúrgicas mineiras e para a Companhia Siderúrgica de Tubarão e exportar suas respectivas produções.

Hoje, a situação já se configura diferente, com a proposta de, no próximo ano, ser iniciada a exportação de soja, com a construção de um armazém específico para este fim, pela Cotia Trading. Nesse processo, Capuaba, anteriormente pensado como terminal para o corredor, passa a desempenhar um papel coadjuvante, auxiliando o terminal de Praia Mole no atendimento ao programa, realizando desde embarques à cabotagem, como terminal de recepção dos grãos trazidos do Sul do país ou da Argentina, para nele fazerem o transbordo e finalmente serem exportados, combinadamente com o minério, por Praia Mole.

O projeto Corredores de Exportação começou a interessar a Companhia Vale do Rio Doce a partir do momento em que começou a se preocupar com a incoercível contingência de ter de poupar suas jazidas do Estado de Minas Gerais para lhe prorrogar o prazo de exaustão. Com isso a Vitória Minas, com capacidade de transporte de 120 milhões de toneladas anuais, teria evitada sua condição de ociosa, movimentando, em busca da manutenção dos negócios internacionais, toda a produção excedente de grãos dos Cerrados.



Várias autoridades assistiram ao primeiro embarque de soja



Paulo Yokota, presidente do Inbra



Paulo C. Brito, da Cotia Trading

Exportação ainda não traz benefício ao ES

A exportação de soja pelos portos do Espírito Santo não traz, de imediato, qualquer benefício direto para o Estado, embora traga, no seu entendimento, a representação da maturação dos grandes projetos, que passada a fase de implantação, começarão a despertar induções por onde o Estado espera, então, obter resultados mais diretos.

A afirmação é do coordenador de Planejamento do Estado, Orlando Caliman, que já manteve vários contatos com grupos (Xerox, Pasternak Baun e Cooperativa Agrícola de Rio Verde), interessados em investir no Espírito Santo, induzidos pelos grandes projetos.

Numa visão imediata, Caliman afirmou que o Espírito Santo sai beneficiado com as exportações de grãos, a partir do pagamento da alíquota diferenciada (4%) paga na entrada do produto no Estado, além de em-

pregos e uma maior movimentação de cunho financeiro. O que vem depois disso, é ainda melhor, com a instalação de empresas satélites, que contribuirão diretamente para a receita estadual.

Segundo o que ele acredita, há uma série de atividades econômicas que poderão derivar dos grandes projetos, seja através da metalurgia, cimento, calcário, óleo de soja, farelo de soja, entre outros. Além disso, ele também acredita no incentivo que as exportações darão ao plantio de soja no norte do Estado, pois com uma indústria de beneficiamento induzida pelas exportações, o produtor capixaba de soja terá maior garantia.

Até as culturas alimentares, segundo ele, seriam beneficiadas, uma vez que poderiam utilizar o retorno do Corredor, para abastecer os Estados interioranos.

Cotia construirá silo para 40 mil toneladas

A Cotia Exportação e Importação S. A., uma trading brasileira que atua em 13 atividades econômicas diferentes em mais de 23 países, vai construir, no porto de Praia Mole, um armazém horizontal de capacidade para

pretende implantar um armazém graneleiro em Praia Mole, atendendo ao projeto do Corredor de Exportação do presidente da Companhia Vale do Rio Doce, Eliezer Batista. O custo de US\$ 1,8 milhão em que se

Texto de Henrique Gobbi
Fotos de Gildo Loyola

O primeiro embarque de soja produzida nos Cerrados, realizado, ontem, no porto de Capuaba, representa o início efetivo das operações do corredor de Exportação Goiás/Minas/Espírito Santo, além de propiciar a realização das expectativas de exportação dos excedentes de grãos, que a partir deste ano abrem novas potencialidades, com a ampliação do Programa de Desenvolvimento dos Cerrados (Prodecer), com os US\$ 300 milhões obtidos pelo Brasil junto ao governo japonês.

Essa foi a tônica dos discursos realizados, ontem, pelas autoridades presentes ao embarque de 18 mil toneladas de soja no porto de Capuaba, fruto de um contrato fechado pela Cotia Comércio Exportação e Importação S.A., de 80 mil toneladas, que renderão ao país US\$ 24 milhões. O embarque foi considerado pelo presidente do Inbra, Paulo Yokota, como "aperitivo do que vamos realizar no porto de Tubarão".

DEPOIMENTOS

Durante toda a programação realizada ontem — apresentação de um filme sobre os Cerrados, visita ao complexo de Tubarão, almoço e embarque de soja em Capuaba — várias autoridades deram seu depoimento sobre o embarque e sua importância para a economia nacional e do Espírito Santo, bem como falaram apresentando os problemas que ainda existem no Corredor, que vem sendo amadurecido desde 1972, quando foi concebido pela diretoria de Crédito Rural do Banco Central, na época em que era ocupada por Paulo Yokota.

Eduardo Régis (assessor e representante do ministro dos Transportes) — "Embora se faça essa exportação, hoje, a logística do sistema não está complementada para o embarque de grãos dos Cerrados, o que pode representar problemas de escala. Podemos ter problemas, também, nos terminais iniciais, em especial nos trechos da Rede Ferroviária Federal. S. A., construídos no início do século com baixíssima qualidade e eficiência. Já foram gastos US\$ 3 milhões na serra de Uruburetama, mas estamos solicitando mais recursos junto ao BNDES para recuperar outros trechos. Além disso, a capacidade de armazenagem no porto é incipiente (30 mil toneladas), mas com planos de implantação de novos armazéns-pulmão para atender a demanda. O programa Corredores de Exportação não é megalomania, mas a busca de apresentar oportunidades de investimentos aos empresários privados".

Paulo Afonso Romano (presidente da Campo, empresa do governo de experimentação agrícola no Cerrado) — "Esta exportação é prova inequívoca da capacidade de

estudos sendo desenvolvidos para montar o grande projeto. A CVRD e a Portobrás já estão estudando a alternativa jurídica para permitir que um porto privativo como o de Tubarão possa exportar produtos que não produzem e que não são de sua propriedade, como no caso dos grãos".

Paulo Yokota (presidente do Inbra) — "Eu tenho uma participação também sentimental por ter este projeto iniciado quando estava no Banco Central. E, hoje, estou aqui neste evento de tamanha importância para o país. Entretanto, é bom lembrar que, quando concebido, o projeto que engloba vários corredores de exportação no Brasil tinha uma perspectiva de exportar 20 milhões de toneladas de grãos, e, hoje, somente o corredor do Espírito Santo é capaz de garantir esse volume. Necessitamos, entretanto, de custos de transportes razoáveis, silos de recepção no interior, pontos de embarque, sistemas ferroviários, silos portuários e sistemas de embarque. Para isso, é que já foi enviado ao governo japonês uma proposta de financiamento do superporto de Tubarão".

Gerardus Zayeyen (presidente da Companhia Docas do Espírito Santo, empresa que administra Capuaba) — "Esta exportação é auspiciosa. Um momento de realização do sonho dos que tribuaram na construção do projeto. O que esperamos é que se estabeleça o fluxo contínuo e crescente das movimentações de grãos. Para isso, a capacidade de Capuaba atende sem problemas a safra deste ano. Ano que vem, entretanto, necessitaremos de recursos para atender a demanda, num volume de US\$ 2 milhões, para garantir o escoamento de 1,5 milhão de toneladas. Capuaba tem uma limitação devido à sua dependência ao canal de acesso, que só permite a entrada de navios de até 70 mil toneladas".

Arnaldo Rosa Prata — (secretário da Agricultura de Minas Gerais) — "O Corredor de Exportação é de grande interesse econômico e disso estamos convictos. Nossa necessidade de suporte de armazenagem terá que crescer. O território mineiro vai ter que receber atenção especial do governo de Minas Gerais onde vai se intensificar a produção de grãos, que, aliado a eles, terá também a perspectiva de movimentação de manufaturados. O ponto crítico está na articulação do setor de produção. Mas não há impossibilidade de ser gerada uma substancial produção. Nós podemos ampliar a capacidade até 10 vezes mais da que existe hoje. E é por isso que o Corredor interessa ao governo de Minas Gerais".

Paulo Carlos de Brito — (presidente da Cotia Trading, empresa exportadora da soja) —

"No próximo ano vamos movimentar pelo Espírito Santo cerca de 400 mil toneladas de grãos. A única dependência para a concretização disso é da produção de

do projeto, a crise do petróleo, que elevou um barril de US\$ 3,00 para US\$ 18,00, iniciou um processo de drástica alteração, acelerada pela segunda crise do petróleo e pela pura razão do Projeto Corredores de Exportação, de maturação a longo prazo, ser viabilizado com recursos externos de amortização a curto prazo.

O Programa Corredores de Exportação (Espírito Santo, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul) tinha sua especificidade na complexa relação de cada um dos quatro projetos. Enquanto três deles contavam com uma área já tradicionalmente conhecida na produção de grãos, o corredor do Espírito Santo dependeria de uma série de experimentações agrícolas e quebra do tradicionalismo das culturas do Sul do país, para se implantar em forma de colonização nos Cerrados (pouco menos que 1/4 do território brasileiro), distribuídos em Goiás, Minas, Mato Grosso e Bahia.

E aí foi despejada uma enormidade fantástica de recursos externos, em especial japoneses, para os estudos que levassem a uma maturação nas experimentações dos tipos adequados de grãos para a região, de terra pobre, porém mantenedora de bons resultados quando bem adubadas, definindo-se o tipo de semente que oferecesse maior qualidade e produtividade.

Mais recursos ainda foram utilizados na construção do chamado Complexo Portuário de Capuaba, que, a partir de 1974, teve suas obras iniciadas e onde até hoje está faltando a conclusão de alguns acabamentos, para atender à

Cerrados, grandes áreas próprias à agricultura

Os Cerrados são grandes extensões de terras planas no Centro-Oeste brasileiro, cobertas de arbustos e árvores retorcidas, abrangendo cerca de 150 milhões de hectares, nos Estados de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Bahia. Há várias décadas vinham sendo realizados estudos sobre o aproveitamento dessa extensa área, que representa pouco menos de 1/4 do território brasileiro.

Sua vegetação é peculiar e em toda a extensão dos Cerrados observa-se que suas solas têm boa estrutura física e que respondem bem às aplicações de corretivos e fertilizantes (a topografia plana é um fator positivo para a mecanização, a pobreza natural do solo pode ser corrigida — a região contém jazidas de calcário e rochas fosfáticas, muitas já em exploração, o que diminui os custos).

As altitudes da região variam de 200 a 1.150 metros, com clima seco e chuvas no período de setembro a março, sem calor excessivo e sem ocorrências de geadas fortes. A má distribuição das chuvas pode ser contornada com a adoção de irrigação e, assim, a seca dos Cerrados irrigados pode se tornar mais conveniente a determinados produtos do que o excesso de chuvas, que ocorre na região Sul do país.

O desenvolvimento agrícola dos Cerrados, além de aumentar a demanda de máquinas, implementos e fertilizantes, abriria uma nova fronteira para a absorção de mão-de-obra no país. Calcula-se que para cada 1,5 milhão de hectares haverá 50 mil empregos diretos e cerca de 100 mil indiretos, com a utilização de 10 mil tratores, 4 mil colheitadeiras, 5 milhões de toneladas de calcário e 3,8 milhões de toneladas de fertilizantes.

Uma das características do solo dos Cerrados é que a cada ano que se pratica agricultura com métodos adequados os solos vão melhorando, física e quimicamente, como no nível de fertilidade, através da elevação contínua dos índices de produtividade.

Assim, as experiências realizadas até hoje indicam uma produtividade da soja da ordem de 900 a 1 mil quilos por hectare, no primeiro ano de cultura, e de 2 a 2,5 toneladas por hectare, quatro anos depois. Isso também ocorre com outras culturas (milho e trigo), cujos incrementos são expressivos.

señal o mais caro porto brasileiro — só a Portobrás, responsável pelas obras de molhe de abrigo e acesso rodoviário, já gastou cerca de Cr\$ 30 bilhões — tinha a função específica de receber carvão metalúrgico para as siderúrgicas mineiras e para a Companhia Siderúrgica de Tubarão e exportar suas respectivas produções.

Hoje, a situação já se configura diferente, com a proposta de, no próximo ano, ser iniciada a exportação de soja, com a construção de um armazém específico para este fim, pela Cotia Trading. Nesse processo, Capuaba, anteriormente pensado como terminal para o corredor, passa a desempenhar um papel coadjuvante, auxiliando o terminal de Praia Mole no atendimento ao programa, realizando desde embarques à cabotagem, como terminal de recepção dos grãos trazidos do Sul do país ou da Argentina, para nele fazerem o transbordo e finalmente serem exportados, combinadamente com o minério, por Praia Mole.

O projeto Corredores de Exportação começou a interessar a Companhia Vale do Rio Doce a partir do momento em que começou a se preocupar com a incoercível contingência de ter de poupar suas jazidas do Estado de Minas Gerais para lhe prorrogar o prazo de exaustão. Com isso a Vitória Minas, com capacidade de transporte de 120 milhões de toneladas anuais, teria evitada sua condição de ociosa, movimentando, em busca da manutenção dos negócios internacionais, toda a produção excedente de grãos dos Cerrados.

A exportação de soja pelos portos do Espírito Santo não traz, de imediato, qualquer benefício direto para o Estado, embora traga, no seu entendimento, a representação da maturação dos grandes projetos, que passada a fase de implantação, começarão a despertar induções por onde o Estado espera, então, obter resultados mais diretos.

A afirmação é do coordenador de Planejamento do Estado, Orlando Caliman, que já manteve vários contatos com grupos (Xerox, Pasternak Baun e Cooperativa Agrícola de Rio Verde), interessados em investir no Espírito Santo, induzidos pelos grandes projetos.

Numa visão imediata, Caliman afirmou que o Espírito Santo sai beneficiado com as exportações de grãos, a partir do pagamento da alíquota diferenciada (4%) paga na entrada do produto no Estado, além de em-

pregos e uma maior movimentação de cunho financeiro. O que vem depois disso é ainda melhor, com a instalação de empresas satélites, que contribuirão diretamente para a receita estadual.

Segundo o que ele acredita, há uma série de atividades econômicas que poderão derivar dos grandes projetos, seja através da metalurgia, cimento, calcário, óleo de soja, farelo de soja, entre outros. Além disso, ele também acredita no incentivo que as exportações darão ao plantio de soja no norte do Estado, pois com uma indústria de beneficiamento induzida pelas exportações, o produtor capixaba de soja terá maior garantia.

Até as culturas alimentares, segundo ele, seriam beneficiadas, uma vez que poderiam utilizar o retorno do Corredor, para abastecer os Estados interioranos.

Cotia construirá silo para 40 mil toneladas

A Cotia Exportação e Importação S. A., — pretende implantar um armazém graneleiro em Praia Mole, atendendo ao projeto do Corredor de Exportação do presidente da Companhia Vale do Rio Doce, Eliezer Batista.

O custo de US\$ 1,8 milhão em que se constituirá no valor do armazém, não é problema, segundo Roberto Fonseca. "O nosso interesse em fazer o investimento de construir o silo está na necessidade de se falar em tonelagem maior sem depender de Capuaba. Afinal, este embarque de soja que fizemos é um teste na busca de experiência no trabalho com as cooperativas de Araguari, Paracatu, João Pinheiro, em Minas Gerais e as de Anápolis e Rio Verde, em Goiás, como também a Cooperativa Agrícola de Cotia, de Barreiras, no sudoeste da Bahia", disse ele.

"E isso não é sonho, é realidade", acrescentou. Com uma trading à frente, ele aposta na confiança dos cooperativados, a quem ele afirma que a Cotia Trading quer ensinar toda a logística de armazenamento, utilização das linhas ferroviárias e porto.

Roberto Fonseca disse, ainda, que acredita, também, na superação rápida dos problemas existentes hoje nas linhas ferroviárias da RFFSA, que apresentam alguns gargalos, evitando uma maior eficiência do sistema. "A RFFSA está investindo. Ela tem visão da magnitude do trabalho e acredito que em dois anos estará bastante aparelhada para então mostrar sua eficiência", afirmou.

Ele disse, ainda, que não se preocupa com a distância entre os seus pólos de compra de grãos (Patrocínio e Anápolis) e o porto de Capuaba, que é o dobro da distância dos pólos até Santos, através da Fepasa. "A distância não é fundamental. Santos tem instalações que não existem aqui, mas o porto é completamente congestionado, além do que nosso interesse é mesmo de exportar em cargas combinadas, o que é impossível em Santos", assinalou.

ABRE-ALAS

Essas questões levantadas pelo vice-presidente da Cotia Trading, aliadas ao pioneirismo de ser a primeira empresa a exportar soja dos Cerrados pelo Corredor de Exportação Goiás/Minas/Espírito Santo, são para ele uma mostra de que "sempre acreditamos no corredor para o escoamento de soja e de milho", razão porque a sua empresa

Eduardo Régis (assessor e representante do ministro dos Transportes) — "Embora se faça essa exportação, hoje, a logística do sistema não está complementada para o embarque de grãos dos Cerrados, o que pode representar problemas de escala. Podemos ter problemas, também, nos terminais iniciais, em especial nos trechos da Rede Ferroviária Federal. S. A., construídos no início do século com baixíssima qualidade e eficiência. Já foram gastos US\$ 3 milhões na serra de Uruburetama, mas estamos solicitando mais recursos junto ao BNDES para recuperar outros trechos. Além disso, a capacidade de armazenagem no porto é incipiente (30 mil toneladas), mas com planos de implantação de novos armazéns-pulmão para atender a demanda. O programa Corredores de Exportação não é megalomania, mas a busca de apresentar oportunidades de investimentos aos empresários privados".

Paulo Afonso Romano (presidente da Campo, empresa do governo de experimentação agrícola no Cerrado) — "Esta exportação é prova inequívoca da capacidade de produção de grãos nos Cerrados que, até o final deste século, produzirá duas vezes mais o que o Brasil produz hoje. A soja, entre as culturas que estamos desenvolvendo, como milho, trigo, feijão, ervilha, tomate e hortigranjeiros, é a que apresenta um maior dinamismo nas experimentações agrícolas. Para garantir a ambição desse projeto, nos próximos quatro anos serão necessários mais recursos além dos US\$ 300 milhões obtidos junto ao governo japonês; recursos que redundarão na expansão da área de atuação da Campo de 60 mil hectares para mais 150 mil hectares".

Mariano Toribio Filho (superintendente de Estrada da Companhia Vale do Rio Doce) — "Para se analisar a eficiência de uma ferrovia é preciso que se avalie o tripé capacidade/confiabilidade/economicidade. Isso a malha da Vale pode oferecer, embora alguns trechos da RFFSA estejam necessitando de reparos, para os quais a CVRD já destinou US\$ 60 milhões".

Roberto Kensky (superintendente do Porto da CVRD) — "Para o atendimento ao programa do Corredor já foi destinada no porto de Praia Mole uma área de 400 mil metros quadrados, com

Arnaldo Rosa Prata (secretário da Agricultura de Minas Gerais) — "O Corredor de Exportação é de grande interesse econômico e disso estamos convictos. Nossa necessidade de suporte de armazenagem terá que crescer. O território mineiro vai ter que receber atenção especial do governo de Minas Gerais onde vai se intensificar a produção de grãos, que, aliado a eles, terá também a perspectiva de movimentação de manufaturados. O ponto crítico está na articulação do setor de produção. Mas não há impossibilidade de ser gerada uma substancial produção. Nós podemos ampliar a capacidade até 10 vezes mais da que existe hoje. E é por isso que o Corredor interessa ao governo de Minas Gerais".

Paulo Carlos de Brito (presidente da Cotia Trading, empresa exportadora da soja) —

"No próximo ano vamos movimentar pelo Espírito Santo cerca de 400 mil toneladas de grãos. A única dependência para a concretização disso é da produção que se garantir as expectativas sairá toda por Capuaba. Nós somos uma empresa trading, coisa que sempre foi considerada muito sofisticada, mas de origem de fazendeiros. Nosso processo foi de sair do interior até criar a trading e voltar ao interior, razão do pioneirismo dessa exportação de soja que também deriva da nossa crença no futuro da agricultura no Brasil. Além disso, já iniciamos contatos para construir um silo de 40 mil toneladas em Praia Mole, que acreditamos estará em operação ano que vem para movimentar os grãos em cargas combinadas com o minério de ferro para o Sudeste asiático, um mercado altamente promissor. Hoje nossas exportações têm nos Estados Unidos o principal comprador e, em segundo, vem o Sudeste asiático. Com a redução de frete nas cargas combinadas poderemos passar a exportar mais para o Sudeste asiático".

Geraldo Pereira da Silva (coordenador do Corredor de Exportação do Espírito Santo) — "Hoje, depois de tanto trabalhar para a efetivação do corredor, tenho a grata satisfação de participar desse embarque. A tonelagem de 18 mil toneladas hoje se multiplicará por 20 no ano que vem".